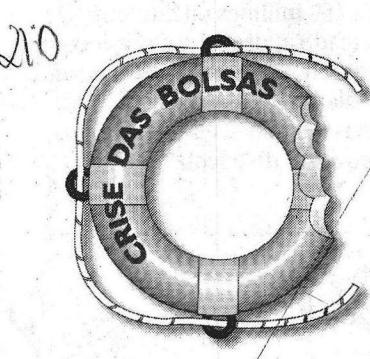


# A arte de ganhar a vida errando

*Crise internacional de falta de dinheiro acentua desconfiança numa das profissões mais polêmicas do mundo*



André Stumpf  
Da equipe do Correio

**A**lbert Einstein morreu e foi para o céu. Chegou lá, ao ser apresentado a três anjos, ansiosos para conhecer o mestre, pediu de maneira educada a cada um deles que mencionasse seu quociente de inteligência. O primeiro informa logo: o meu QI é 180. "Esse é um índice excelente. Poderemos conversar sobre a minha teoria da relatividade", disse. O segundo anjo informa que seu QI é 130. "Teremos oportunidade de conversar sobre a política mundial", comenta o professor. O terceiro anjo dá um passo à frente e informa: 80. Einstein, sempre muito gentil, pergunta: "Amigo, o que você acha das perspectivas econômicas?"

A piada corre nos meios acadêmicos norte-americanos e naturalmente aborreço os economistas. A profissão deles está sob cerrado ataque, depois que seus expoentes assassinaram monumentais fracassos na difícil arte da previsão e erraram diagnósticos sobre situações conjunturais de diversas países. Nos Estados Unidos, a crítica aos economistas é aberta. Em 1991, pouco antes de se aposentar, Ken Olsen, fundador da Digital Equipment, afirmou: "Não temos razão alguma para acreditar nos economistas. Em primeiro lugar, como pseudocientistas, eles realmente não seguem a tradição de dizer a verdade ou de atuar de forma analítica. Em vez disso, apenas querem influenciar resultados, particularmente os resultados de governo".

## PRESTÍGIO EM BAIXA

Ao fazer as primeiras quatro escolhas para compor sua equipe econômica, o presidente Bill Clinton convidou um senador do Texas para chefiar o Departamento do Tesouro, um congressista da Califórnia para comandar a agência de administração do orçamento e dois banqueiros de Nova York, um para atuar como assistente do presidente em assuntos de política econômica e outro para assumir o cargo de subsecretário do Tesouro. A influência dos economistas está em queda livre nos governos e também na iniciativa privada. O Citibank de Nova York empregava há dez anos, cinqüenta economistas no seu departamento de análise de conjuntura. Hoje, são apenas quatro.

## LABORATÓRIO ACADÊMICO

O Brasil, que está na antecâmara de uma recessão profunda, é especialista em lidar com crises econômicas. Em 1983, o País se descobriu sem condições de pagar sua monumental dívida externa. Recorreu, como vai fazer agora, ao Fundo Monetário Internacional (FMI). A inflação disparou, a política entrou em turbulência e o ciclo dos generais acabou. Tancredo Neves foi eleito, mas não tomou posse. José Sarney chegou à Presidência da República. Em seu governo teve início a farra dos economistas.

A maioria, senão a totalidade, era formada nas melhores universidades norte-americanas. Lá, eles formulam teses, examinam possibilidades, perspectivas e desfrutam de pleno assessoramento dos melhores mestres. Retornam ao Brasil cheios de idéias, abarrotados de certezas. O Plano Cruzado nasceu nas faculdades dos Estados Unidos. Foi apresentado aqui com pompa e círcunstância. Não deu certo. Sofreu diversas correções. Afinal, os economistas deixaram o presidente Sarney sozinho, pilotando uma enlouquecida inflação de oitenta por cento ao mês.

Economistas costumam vender bem a própria imagem. Há algum ti-

po de ligação entre o economista bem sucedido e sua capacidade de publicar artigos e influenciar governos. Dois deles são bem conhecidos dos brasilienses. Edmar Bacha era chefe do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB). Fez sua carreira por aqui. Depois foi para o Rio e hoje mora em Nova York. Agora, diz que detesta Brasília. É um dos pais do Plano Real. Outro, bem conhecido no Distrito Federal, é Cristovam Buarque. Não gosta de lembrar, mas é professor de Economia. Assessorou Tancredo Neves na montagem do governo, trabalhou no Ministério da Justiça, mudou de ramo. Agora é político.

## POLÍTICO ENRUSTIDO

No fundo, o economista é um político enrustido, ao menos no Brasil. Cristovam Buarque, neste caso, fez diferente. Abriu o jogo. Tenta realizar suas reformas respaldado pela confiança popular. A maioria dos economistas, contudo, não age assim. Os grandes planos, por eles lançados no laboratório Brasil de teses acadêmicas, envolvem reformas estruturais pesadas, sérias e profundas. No entanto, esses teóricos não têm mandato, nem qualquer tipo de representação. Lançam as idéias, que são sempre adaptadas da realidade norte-americana, e provocam tumultos políticos de bom tama-

nh. Quando as coisas não dão certo, abandonam o governo e se refugiam nas consultorias econômicas.

Zélia Cardoso de Mello é um bom exemplo. Vendeu tão bem sua imagem que os jornais e revistas publicaram um currículo que ela não possuía. Ningém contestou. Confiscou a poupança e nada mudou. A inflação voltou. Segundo o livro de Fernando Sabino, *Zélia, uma paixão*, dedicou-se a seus amores. Frustou-se em Paris, mas conseguiu casar com Chico Anísio. Hoje, separada, vive muito bem com os filhos em Nova York. A ex-ministra, poderosa czarina das finanças, junto com o ex-ministro do Planejamento, Antonio Kandir, realizou a inédita experiência de suprimir a moeda. Não deu certo.

O ex-ministro Antonio Delfim Netto trilhou outro caminho. Tirou o manto de economista e desceu à planície para pedir votos. Tem sido eleito, sucessivamente, pelos paulistas. Hoje é outra pessoa, muito diferente do tempo em que era o plenipotenciário chefe das finanças nacionais. Delfim fazia e desfazia. Criava e arrasava reputações. O deputado federal, no entanto, é um analista extremamente objetivo, um político presente nas principais negociações e um articulador capaz de enfrentar questões estratégicas. Na atual crise, o parlamentar tem tido uma voz firme na proposição de alternativas ao modelo encontrado pelos atuais detentores do poder.

## DÚVIDAS DE KENNEDY

Na medida em que o Brasil se aproxima da hora da verdade do encontro de contas, a sensação de estar passando um filme já visto é inquietante. As negociações com o FMI não são novas, nem originais. Os contribuintes morrem no final do filme. O presidente John Kennedy já duvidava da infalibilidade dos economistas, em discurso pronunciado em 1962: "Persiste o mito de que os déficits do orçamento federal geram inflação e de que os superávits orçamentários são capazes de evitá-la. Significativos superávits orçamentários do pós-guerra não foram capazes de evitar a inflação e persistentes déficits ao longo dos últimos anos não puderam perturbar a estabilidade básica de nossos preços". O falecido presidente tinha suas razões. A expansão econômica norte-americana iniciada em seu governo foi a mais longa já registrada naquele país.

Durou quase 9 anos. Fazer previsões é parte da profissão do economista. Ele ganha para arriscar palpites. Paul Krugman, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), lembra que a "economia é mais difícil que a física. Felizmente não é tão difícil quanto a sociologia". Elaine Garzarelli, do banco Shearson Lehman Brothers, tornou-se famosa ao

anunciar o colapso iminente das bolsas de valores quatro dias antes da chamada Segunda-Feira Negra (16/10/87). Ela utilizou um modelo de 14 indicadores econômicos mensais.

A revista *Business Week* batizou o episódio de "alerta do século". O jornal *USA Today* afirmou que "os anos 90 pertencem à estrategista Elaine Garzarelli". No entanto, o escritor William Sherden, em seu livro *Mercadores da Sorte*, revela um quadro diferente. Entre 1986 e 1996, a economista fez previsões claras sobre altas e quedas das bolsas de valores em treze ocasiões diferentes. Só acertou cinco. Ou seja, 38% dos casos. Teria sido mais produtivo jogar uma moeda para cima do que pagar, e pagar caro, pelas opiniões da famosa analista.

Por essa razão, Alfred Malabre Jr. sugere que as economias tendem a se expandir até que encontrem restrições ao crescimento. Tais obstáculos podem surgir de diversas formas: altas taxas de juros, elevada inflação, limitações de capacidade produtiva, falta de mão-de-obra, endividamento e estoques excessivos, poupança insuficiente. "Iniciativas de política econômica poderão retardar por semanas, ou meses, mas não serão capazes de evitar a recessão. O ciclo econômico, da mesma forma que a natureza humana, está aqui para ficar", diz o escritor, que é um dos editores do *Wall Street Journal*.

## FÓRMULA QUE DEU ERRADO

A Academia de Ciências da Suécia acaba de fazer uma *mea culpa* frente ao mundo. Seus sisudos membros tinham acreditado nos economistas neoliberais. E atribuíram, ano passado, o prêmio Nobel de Economia aos norte-americanos Robert Merton e Myron Scholes pela criação de um modelo econômico de redução de riscos nas operações em mercados futuros. Eles haviam descoberto, supostamente, a fórmula infalível da fortuna. Não deu certo. Depois da crise da Rússia, o Long-Term Capital Management, que tem aquela dupla premiada como seus principais sócios, falou. Foi salvo por um providencial empréstimo do Federal Reserve (Fed — banco central americano) no incrível valor de US\$ 3,5 bilhões.

Neste ano, a academia foi mais modesta. Entregou o prêmio anual a um indiano, Amartya Sen, professor na Universidade de Trinity, Inglaterra, que realiza estudos sobre pobreza e fome em países como Índia, Bangladesh, Etiópia e a região do Saara. Ele acredita que "não existe fome em verdadeiras democracias". A justificativa oficial para concessão da honraria informa que o professor "restaurou a dimensão ética na discussão dos problemas econômicos". A significativa mudança nos rumos da Real Academia da Suécia é o mais seguro indicador de que algo não anda bem no reino da economia. A era dos vendedores de ilusões, ao que parece, está no fim.

**"A CRISE DA ÁSIA NÃO AFETA O BRASIL"**

Pedro Malan, ministro da Fazenda, em 24 de outubro de 1997



**"QUANDO EXISTEM ACORDOS DE CRÉDITO COM O FMI, HÁ UMA PERDA DE SOBERANIA. ISSO PODE SER ACEITÁVEL PARA OUTROS PAÍSES, MAS NÃO PARA O BRASIL"**

Gustavo Franco, presidente do Banco Central, em entrevista a *El Clarín*, em novembro de 1997

**"O REAL SOFRERÁ UM ATAQUE ESPECULATIVO EM TRÊS SEMANAS"**

Albert Fishlow, economista norte-americano, no dia 10 de janeiro de 1998.

